

A Mati é uma menina de cinco anos que fala muito, principalmente comigo. Eu sou a boneca dela. O pai acabou de chegar, vem até à praia todos os fins de semana.

Trouxe-lhe de presente um gato branco e preto. De modo que, até há cinco minutos, a Mati estava a brincar comigo, e agora está a brincar com o gato, ao qual deu o nome de Minù.

Aqui estou eu na areia, ao sol, sem saber o que fazer.

O irmão da Mati pôs-se a cavar um buraco. Não gosta de mim. Considera-me inferior a uma caganita, e atira para cima de mim toda a areia que levanta.

Está muito calor.

Penso na última brincadeira que a Mati fez comigo.
Fez-me saltar, fez-me correr, fez-me assustar, fez-me falar e gritar, fez-me rir e também chorar.
Quando brincamos, eu converso imenso e todas as coisas me respondem. Mas aqui, sozinha, meio enterrada na areia, estou aborrecida.
Passa um Escaravelho, mas está tão ocupado a abrir caminho que nem sequer diz olá.

A mãe da Mati já saiu da praia há uma hora, foi para casa. O pai agora também se prepara para se ir embora, está carregado de sacos.

«Mati, vamos, despacha-te.»

A Mati afasta-se do guarda-sol com o irmão e o gatinho.

E eu?

Já não os vejo.

Gritei:

«Mati.»

Mas a Mati não me ouve.

Está a falar com o gato Minù e só o ouve a ele, que lhe vai respondendo.

O Sol pôs-se, a luz é rosada.



Chega um Banheiro, tem uns olhos que não me agradam. Fecha os guarda-sóis e as cadeiras de repouso. Vejo-lhe os bigodes a mexerem-se por cima do lábio, parecem caudas de lagartixa.

Nesse momento reconheço-o.

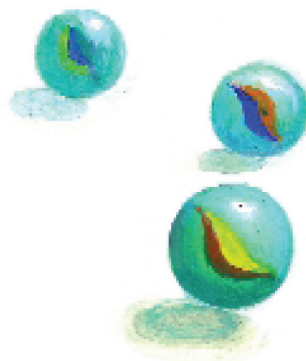
É o Banheiro Cruel do Sol-Posto, a Mati fala sempre dele com muito medo. Vem até à praia quando está escuro e rouba os brinquedos das meninas.

O Banheiro Cruel é muito alto.

Foi chamar o amigo, o Grande Ancinho, que ainda é mais alto do que ele, e põem-se os dois a pentear a areia.

O Banheiro Cruel do Sol-Posto canta uma canção que diz:

Abre essa boca
Come o cocó
Bebe o chichi
Sem juntar nada
Palavras não
Só armadilhas
Vê que sossego
Quando há silêncio.



O Grande Ancinho tem uns dentes de ferro horríveis,
polidos do uso. Morde ferozmente a areia e avança.

Tenho medo, vai magoar-me, vai partir-me.

Já está mesmo aqui.

Sou apanhada pelos seus dentes, juntamente com pedacinhos de pedra-pomes, conchas, caroços de ameixa e de pêssago.

Sinto-me um bocado amachucada, mas estou inteira.

O Banheiro Cruel continua a cantar com uma voz
que faz doer o coração:

Puxa o nariz

Senta no vaso

Despeja a goela

Ficarás só.

Com tudo o que apanhou com o ancinho forma um
montículo de galhos, areia, lenços de papel, embalagens
e garrafas de plástico.

Eu sou atirada para junto de um Cavalo-Marinho de
plástico, uma Carica, uma Esferográfica, e do Escarave-